

## 7

### Referências bibliográficas

ABREU, A. S. **A Arte de Argumentar: gerenciando razão e emoção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

AMARANTE, R. C. **Heróis de Papel: a imagem do jornalista em notícias de guerra e esporte através da perspectiva sistêmico-funcional e da análise de corpus**. Tese de Doutorado, Departamento de Letras, Estudos da Linguagem. PUC-Rio, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BORGATTO, A. M. T.; BERTIN, T. C. H.; MARCHESI, V. L. C. **Tudo é linguagem: Manual do professor**. São Paulo: Ática, 2006.

BUTT, D.; Fahey, R.; Feez, S.; Spinks, S.; Yallop, C. **Using Functional Grammar: an explorer's guide**. Sydney: National Centre for English Language Teaching and Research, Macquarie University, 1995, p. 77-88.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CHRISTIE, F. **Genre theory and ESL teaching: a systemic functional perspective**. *Tesol Quarterly*, 23, 4, 1999, p. 759-763.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics** (2<sup>nd</sup> ed.). London: Continuum, 2004.

FIORIN, L. F. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 2006.

GOUVEIA, C. A. M. **Towards a Profile of the Interpersonal Organization of the Portuguese Clause**. *Delta – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 26 (1), 2010, p. 1-24.

GOUVEIA, C. A.; BARBARA, L. **Marked or unmarked that is not the question, the question is: Where is the Theme?** *Ilha do Desterro*, 46. (Special Issue: "Systemic Functional Linguistics in Action"), 2004.

\_\_\_\_\_. Tema e estrutura temática em PE e PB: um estudo contrastivo das traduções portuguesa e brasileira de um original em inglês. In: OLIVEIRA, M. C. L.; HEMAIS, B.; GUNNARSSON, B. L. **Comunicação, cultura e interação em contextos organizacionais**. Rio de Janeiro: Publit, 2005.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, Context, and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar** (3<sup>rd</sup> ed.). London: Hodder Arnold, 2004.

HAWAD, H. **Tema, Sujeito e Agente: a voz passiva em perspectiva sistêmico-funcional**. Tese de Doutorado, Departamento de Letras, Estudos da Linguagem. PUC-Rio, 2002.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem**. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2006b.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. e outros (org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTIN, J. Beyond Exchange: appraisal systems in English. In: HUSTON, S.; THOMPSON, G. Eds. **Evaluation in Text**. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 142-175.

MARTIN, J; WHITE, P. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

OLIVEIRA, L. P. Linguística de Corpus: teoria, interfaces e aplicações. In: **Revista Matraca**. Vol. 16, nº 24, Jan./Junho. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, 2009.

ROBBINS, R. H. **Pequena História da Linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

SANTANA, L. V. **Recursos Persuasivos na Construção dos Textos Legislativos**. Monografia de Especialização, Instituto de Letras, Língua Portuguesa. UERJ, 2008.

SCHLEE, M. B. O finito e a modalidade em editoriais de jornal. In: **Proceedings of the 33rd International Systemic Functional Congress**. São Paulo: PUC-SP, 2006, p. 1007-1020.

SILVA, J. M. da; ESPÍNDOLA, L. **Argumentação na língua**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. London: Arnold, 1996.

WHITE, P. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. Tradução Débora de Carvalho Figueiredo. In: VERSCHUEREN et al. **The handbook of pragmatics**. Amsterdam; Filadelfia: John Benjamins Publishing Co, 2002, p. 1-27.

**Sites:**

Associação Nacional de Jornais – <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso em: 23 jan. 2011.

## Anexos

### Anexo I

Compõe-se dos textos utilizados como *corpus*, numerados conforme a ordem de análise deste trabalho.

Texto 1

Domingo, 3 de outubro de 2010

O GLOBO

OPINIÃO • 7

# O grande pleito cívico

JOÃO UBALDO RIBEIRO

**A**inda peguei o tempo em que, em dia de eleição, os jornais estampavam um sentencioso editorial com o título acima, ou bem semelhante. Fazia parte de uma coleção estabelecida, estoque de qualquer redação bem preparada. Havia editorialistas famosos por sacarem da gaveta o artigo apropriado para a data, o qual, depois de sofrer algumas alterações cosméticas, voltava a ser publicado. Nunca de fato testemunhei essa prática, mas existiam, sim, os editoriais padrão. Lembro com particular afeto o “Evoé, Momol!” do sábado de carnaval, o “Esperança que se Renova” do primeiro do ano e o “Tempo de Meditação” da Quaresma. Eu mesmo perpetrei diversos, em cada uma dessas categorias, meu passado me condena.

Atualmente, acho que, para dias de eleição, o modelo mais em uso é o “Festa da Democracia”, mas não foi por saudosismo que preferi o pleito cívico, foi por causa do clima que percebe em torno. Posso estar percebendo mal, mas não vejo festa no ar, não vejo vibração, a não ser com pinta de falsificada, não vejo real empenho em ninguém, exceto nos candidatos. Não conversei com ninguém que vá votar com entusiasmo ou mesmo torça ferrosamente pela vitória de algum candidato. A impressão que se tem é que a maioria vota porque o voto é obrigatório e não acredita que ele vá mudar nada, tanto faz como tanto fez. Não é festa nenhuma, é o cumprimento de uma tarefa felizmente tornada cada vez mais fácil e rápida.

Não sei por que isso acontece, não sei se alguém tem uma resposta satisfatória. Mas é fácil imaginar alguns tipos de eleitor, como, por exemplo, o de quem vai votar apenas porque é obrigatório. Provavelmente, o que está na cabeça dele é que, não importa em quem ele vote, vão continuar roubando e se locupletando do mesmo jeito, sem que ninguém jamais seja punido ou devolva o que furtou. Pelo contrário, os poderosos sobem cada vez mais na vida, engordam, ficam ricos, suas famílias prosperam, seus correligionários se

empregam, seus amigos mamam o que podem. Os privilégios e mordomias permanecem e quem quiser que encontre um jeito de entrar no circo e tirar também sua lasquinha, o dinheiro está aí mesmo, é de quem botar a mão, o resto é conversa e enrolação de meliante. Às vezes, não parece haver absolutamente exceção alguma, para quem é alçado a um cargo de algum poder, no Brasil: o primeiro móvel de cada um está longe de ser o bem coletivo e ainda mais longe de ser o apego a uma ideologia ou ideal. Mostra a abundante experiência que a primeira motivação de cada um — e talvez a segunda, a terceira e a quarta — não é servir, é se servir. Todo mundo está farto de constatar, entre surpresas, sustos e decepções, que é assim mesmo e poucos conhecem um homem público que não tenha ficado bem de vida em alguns anos de carreira.

Os candidatos, em grande parte, viraram mercadorias, vendidas quase como sabonetes e agindo que nem bonecos de ventríloquos, como quando carregam um ponto eletrônico atrás da orelha e têm suas respostas sopradas pelos marqueteiros. A conversa no fundo é a mesma, a suspeita de mentira ronda a todos, as promessas grandiloquentes jorram em cascatas, números e estatísticas são lançados tão ao deus-dará quanto confete. A propaganda na TV é uma sucessão grotesca e confusa de semblantes intercambiáveis, os partidos políticos há muito não querem dizer nada e são meras plataformas para o encaminhamento de interesses quase sempre subalternos, de que se troca lepidamente, diante de vantagens pessoais oferecidas por outras.

Antigamente, o Brasil precisava de reformas e se usava a expressão “reformas de base”. Nunca foram feitas, mas, de repente, parece que já foram todas realizadas, pois ninguém fala mais nelas. Podemos não haver notado, mas já devemos ter feito, sem ordem de importância, a reforma tributária, a administrativa, a penal, a judiciária, a poli-

tica e assim por diante. Esta última, então, nem se fala porque ninguém acredita que o Congresso vá produzir leis que afetem seus privilégios. Pelo contrário, deverá fortalecê-los, para resistirem a possíveis futuros ataques. Quanto às outras, iriam prejudicar aqueles que, no estado atual de coisas, estão se dando bem. Portanto, as famosas reformas deverão continuar a ser mencionadas conforme a necessidade e esquecidas conforme a tradição.

E, na outra ponta do espectro, que eleitor se pode imaginar, saindo para a festa da democracia, neste que espero ser um belo domingo de sol primaveril? É o que nem viu campanha na TV e, se viu, não entendeu. Vai, mais uma vez, votar errado, segundo a ótica de observadores cheios de si. Vai trocar o voto por dinheiro, por uma “colocação” ou emprego, por uma dentadura ou uma intervenção cirúrgica. Ou tem medo de que a bolsa família desapareça tão inexplicadamente quanto surgiu. Ou ainda, no que acredito ser a maior parte dos casos, precisa continuar em bons termos com os poderosos de sua área, de cuja boa vontade depende para obter o que a lei diz ser seu direito, mas a realidade mostra que é favor, dependente da generosidade desses poderosos. Quer dizer, vai, na minha opinião, votar com absoluta correção. Aproveita-se do voto na única ocasião em que ele lhe tem alguma serventia. E, como o seu equivalente mais bem situado, também acha que todo mundo rouba e então se garante logo e pega o que está à disposição.

Bem, a situação, afinal, talvez não seja tão feia assim, estas tintas estão meio carregadas. No boteco mesmo, na semana passada, a eleição interessava a muita gente. A aposta em que vai haver segundo turno estava pagando um chope e meio por um. E até as eleições que virão depois da de hoje eram antecipadas com ansiedade. Deve ter feriadão, era o comentário geral.

---

A propaganda na TV é uma sucessão grotesca de semblantes intercambiáveis

---

JOÃO UBALDO RIBEIRO é escritor.

FERNANDO DE BARROS E SILVA

## Arrebentou

**SÃO PAULO** - **Ciro Gomes** implodiu a ponte que o conectava ao continente do lulismo. Sua reação ao estrangulamento de sua candidatura foi além do que esperavam os petistas. Fora da sucessão, **Ciro** abriu fogo pesado em várias frentes:

1. Questionou a onipotência de **Lula** ("Ele está se sentindo o Todo-Poderoso e acha que vai batizar **Dilma** presidente"); 2. Colocou em dúvida a competência de **Dilma Rousseff** ("**Dilma** é melhor do que o **Serra** como pessoa. Mas o **Serra** é mais preparado, mais legítimo, mais capaz"); 3. Apostou na vitória do **tucano** ("Minha sensação agora é que o **Serra** vai ganhar esta eleição"); 4. Disse que **Dilma** e o **PMDB** não têm condições de enfrentar a crise econômica que se projeta no horizonte ("Em 2011 ou 2012, o **Brasil** vai enfrentar uma crise fiscal, uma crise cambial. Como o **PT**, apoiado pelo **PMDB**, vai conseguir enfrentar essa crise? **Dilma** não aguenta. **Serra** tem mais chances de conseguir").

São declarações publicadas pelo site noticioso iG, em reportagem de **Eduardo Oinegue**. Ontem, **Ciro** dis-

se que havia conversado com o jornalista em "off", deixando claro que não concedia uma entrevista.

Pode-se tomar suas palavras como uma explosão a mais, outro destemperado de alguém que os coleciona. Essa é a interpretação mais cômoda para os aliados de **Dilma** diante do evidente desconforto.

No surto de **Ciro**, porém, parece haver um recado político que vai além da sua agonia pessoal. O fio desencapado pode estar expondo os limites de um arranjo de poder que abriga interesses demais. Sua fala seria um aviso de que o amplo consórcio lulista passa a viver sob a ameaça de um curto-circuito. Um aviso de que o poder de **Lula** para manobrar a própria sucessão não é incontestável, como não é ilimitada a tutela sobre os aliados.

Na boca de **Ciro**, a sugestão de que **Dilma** é "menos legítima, menos capaz, menos preparada" é um soco no estômago. Ela é música para os ouvidos do adversário do **PT**. Sim, **Serra**, aquele que "é mais feio por dentro do que por fora".



## Zecamunista fecha com Dilma!

JOÃO UBALDO RIBEIRO

**S**ou do tempo do furo de reportagem e, embora há muito tempo afastado das redações, ainda vibro com a oportunidade de dar uma notícia em primeira mão, o que agora faço através do título acima, ao qual não resisti adicionar um ponto de exclamação. É a pura verdade. De volta a Itaparica, depois de sua temporada de inverno, em consagradas rodadas de pôquer com magnatas até de Santo Antônio de Jesus, Zecamunista apareceu inesperadamente no bar de Espanha, durante a happy-hour das dez da manhã, e anunciou a abertura do Comitê Eleitoral Tamos com Ela.

— Tamos com ela e pau na taramela! — surpreendi-o dizendo a um dos muitos que, como sempre, se reuniram para ouvi-lo.

— Pau na taramela! — repetiram diversos, alguns deles com visível entusiasmo.

— Que slogan é esse, Zeca, por que pau na taramela, o que quer dizer?

— Não quer dizer coisa nenhuma, é somente pela sonoridade e pelo tom combativo, já vi que você não entende nada de agitação e propaganda, não tem que querer dizer nada, tem é que apelar para os instintos da massa. Como esse eu já bolei vários, vou soltando conforme o freguês. Tamos com ela e pau na moela! Tamos com ela e pau na mortadela! Tamos com ela e pau na seriguela! Tamos com ela e ninguém mais vai ser banguela!

— Que é isso, Zeca, esse último não é apenas pela sonoridade. Até você vem com esse negócio de trocar voto por dentadura?

— Não fui eu que inventou isso, eu apenas identifico objetivamente as tendências eleitorais. Nessas minhas últimas viagens, eu sempre tirava um tempo para estudar o perfil do eleitorado e, diga você o que disser, o sonho da dentadura própria ainda é marcante em nosso eleitorado rural e da periferia urbana. Não se meta na minha campanha, eu sei o que estou fazendo. Por mim, o slogan bem que podia ser "tamos com ela e a mesma clientela" ou então "tamos com ela na Venezuela", mas não

posso me prender a um individualismo pequeno-burguês, meu caso pessoal não tem importância, o importante é o processo histórico em andamento.

— E como é que vai indo o processo histórico?

— Vai indo, vai indo bem e acho que não há motivo para preocupação. Todo mundo está aderindo como sempre e me contaram que, em certos lugares, a procura por fichas de inscrição no PT é tanta que já pediram novas remessas de formulários e tem gente que, por via das dúvidas, se inscreveu em dois ou três municípios, o pessoal se garante. Acho que não precisamos temer a calamidade de dr. Serra se eleger.

— Calamidade? Também não é assim, Zeca, calamidade é muito forte, acho que nem na sua propaganda isso cola.

— Calamidade. Calamidade com todas as letras, cataclismo. Hecatombe. Primeira coisa: ele ia governar como?

— Bem, nunca pensei nisso muito detidamente.

— Inconsequência inadvertida do intelectual idealista ingênuo. Ele não ia governar nada, com o Senado controlado pelo PMDB e pelo PT e a Câmara de Deputados idem idem, ia ser um terror.

— Não sei, talvez ele pudesse costurar algumas alianças.

— Entregando a rapadura! Entregando a rapadura inteiramente, e ainda tendo que encargar a oposição petista condenando tudo, até a bolsa família, se duvidar.

— Acho que você não tem razão, também não é assim.

— É pior! Não tem uma área que não esteja dominada, das prefeituras aos sindicatos, deixe de ser besta, está tudo dominado. Ia ser um terror mesmo e, dentro de um ano, ninguém ia aguentar a gritaria e a esculhambação e o Homem voltaria nos braços do povo.

— E, com d. Dilma eleita, ele não vai voltar, não?

— Nunca! Isso ele acha. Todos acham. Mas você já parou para pensar no que vai acontecer logo depois da eleição dela? Vai sair até vento, na hora em que o pessoal da farinha-pouca-meu-pirão-primeiro der a largada, sai de baixo, vai ser um vale-tudo. Sinta as foices zunindo, sinta os rabos de arraial!

— Pode até ser, mas não vejo como isso altera alguma coisa.

— E você acha que o pessoal do presidente não vai querer continuar mandando, não? Claro que vai querer. E a briga vai começar pelos assessores e puxa-sacos, pelos mais chegados a cada um.

— Mas o presidente vai mesmo continuar mandando, acho que ele até tem deixado isso bem claro para todo mundo.

— Pois é, ele também pensa que sim. E até ela mesma pode pensar que sim, pelo menos um pouco. Mas nem ele nem ela sabem de uma coisa básica. Nem ele sabe o que é ser ex-presidente, nem ela sabe o que é ser presidente.

Eles podem achar que sabem. Se perguntarem, vão dizer que sabem. Mas não sabem. Ele não sabe o que é amanhecer com todos os reflexos de presidente ativos, mas sem ser presidente. E não sabe o que é isso um dia depois do outro, não ser mais o cara, não estar todo dia no jornal e na TV, não ser ouvido nem cheirado a maior parte do tempo e viver sem plateia, logo ele. E ela não sabe o que é acordar presidente um dia depois do outro, não sabe o que é ver o mundo assim. No fim, eles não vão mais nem se cumprimentar.

— E aí você acha que o Serra vai poder ser presidente?

— Não, aí quem se candidata sou eu mesmo. É no sacrifício, mas estamos precisando de um governo de esquerda.

JOÃO UBALDO RIBEIRO é escritor.

Nem ele sabe  
o que é ser  
ex-presidente, nem  
ela sabe o que é  
ser presidente

Domingo, 25 de abril de 2010

O GLOBO

8 • OPINIÃO

## VERISSIMO

*Impactos*

Poucas coisas na vida são tão impactantes quanto uma grande orquestra tocando num espaço pequeno. "Impactantes" é a palavra certa: o som da banda nos bate no peito, nos cerca por todos os lados e nos derruba, quase que literalmente. Uma boa banda é empolgante em qualquer circunstância. Quando a circunstância é um bar onde o som não tem para onde ir e não ser pelos seus ouvidos, diretamente para suas entranhas, a experiência é inesquecível. Lembro que tive essa sensação quando ouvi a banda do Count Basie tocar no velho Birdland, em Nova York, há uns duzentos anos. O Basie ainda era vivo e eu também. O Birdland que existe hoje, em outro endereço, é uma versão racionalizada do Birdland de então, um porão apertado, com o teto baixo. Você pagava a entra-

da, descia uma escada e podia escolher: para a esquerda tinha um cercado com cadeiras para quem só queria ouvir; para a direita, mesas para quem podia pagar mais, o que nunca era o meu caso. Ao primeiro acorde da banda do Count Basie, rebatido pelo teto baixo do Birdland, eu caí da cadeira. Exagero, mas foi como se.

Tudo isso para contar que tive uma sensação parecida há poucos dias ouvindo a banda Mantiqueira no bar Tom Jazz, em São Paulo. A orquestra, com suas treze figuras, ocupava quase metade do espaço do bar, sem contar o mezanino. Música brasileira de primeira qualidade, feita por virtuosos brasileiros, liderados pelo legendário Proveta no sax alto e clarinete, autor, também, da maioria dos arranjos. Casa lotada e entusiasmada. Ao primeiro ataque da banda só não caí

da cadeira, nem metaforicamente, por falta de espaço. Fantástico.

Outra experiência inesquecível em São Paulo foi ouvir a Mônica Salmasso cantando num teatro com o André Mehari. Só os dois, voz e piano. Uma das melhores vozes e um dos melhores pianos que você pode ouvir em qualquer lugar do mundo. E um repertório perfeito, que incluía o "Senhorinha", do Guinga e do Paulo César Pinheiro, como se sabe a coisa mais bonita feita no Brasil depois da Patrícia Pillar.

E já que estamos falando de prazeres musicais, não deixe de ouvir o novo CD do Edu Lobo. Novas composições do Edu (algumas com o acima citado Paulo César) e alguns prazeres antigos, como quatro canções feitas pelo Edu com o Chico Buarque para os musicais "Cambaio" e o antológico "Grande Circo Místico".

RUY CASTRO

## Poleiros da Morte

**RIO DE JANEIRO** - O rastro de dor deixado pelas chuvas deveria levar o Rio à solução do problema das moradias em áreas de risco imediato: a retirada de 100% dos habitantes dessas áreas e, enquanto não se constroem as casas populares, sua transferência para os milhares de imóveis sem uso na cidade, pertencentes à prefeitura, ao Estado e à União.

Nunca houve melhores condições para isto. Pela primeira vez, os três estão alinhados e é do interesse de cada um apoiar os outros dois. É ano eleitoral e, nem que seja para atrair votos, nunca uma boa causa foi tão óbvia como plataforma.

E a comoção gerada pela tragédia livrará essa medida de qualquer patulha, ideológica ou demagógica. Foi-se o tempo em que Zé Kéti, instrumentado por intelectuais, cantava, "Podem me prender, podem me bater/ podem até deixar-me sem comer/ que eu não mudo de opinião/ daqui do morro eu não

saio, não". A ocupação dos morros é irreversível, mas as pessoas não podem morar em poleiros sujeitos a deslizar rumo à morte, com barranco e tudo.

Assim como se sabe da existência de 10 mil moradias em risco, deve haver um levantamento de imóveis públicos subutilizados ou fechados no Centro da cidade, que poderiam receber famílias de forma permanente pagando aluguéis simbólicos. O próprio Centro sairia ganhando, com a recuperação desses velhos casarões e sobrados e com a fixação de famílias numa área confortavelmente próxima da zona sul, com todos os equipamentos para voltar a ser residencial.

Há, sim, o dinheiro para isso. Viria de várias fontes, inclusive particulares. E melhor ainda se os valores que Lula sempre anuncia nessas ocasiões se materializassem. O normal é ele prometer 10, liberar 3 e fazer de conta que bravatas compensem pelos 7 restantes.

Texto 7

Domingo, 26 de setembro de 2010

O GLOBO

OPINIÃO • 7

VERISSIMO

*Nós, obsoletos*

Nenhuma notícia me animou tanto, nos últimos tempos, quanto a da volta do disco de vinil. O vinil tinha sido declarado morto, definitivamente acabado, com a chegada do CD. Continuava à venda em nichos obscuros das lojas de disco, apenas para colecionadores de antiguidades e outros tipos esquisitos. Mas aconteceu o seguinte: descobriram que as gravações em vinil eram superiores, em matéria de fidelidade sonora, às gravações digitais. Algo a ver com a reprodução dos harmônicos, não me peça detalhes. E mais: concluíram que a desvantagem mais evidente do vinil em comparação com o CD, o ruído de superfície, o chiado da agulha no sulco, na verdade é uma vantagem, faz parte do seu charme. As pessoas não sabiam bem o que estava faltando no CD e de repente se deram

conta: faltava o chiado. Faltavam o poc da sujeira no disco e o crec-crec do arranhão. Dizem que já se chegou ao cúmulo de acrescentar um chiado em gravações em CD, para simular o ruído de uma agulha lavrando um sulco inexistente. Não sei.

O que interessa a nós, obsoletos, no resgate do vinil é a perspectiva que ele nos traz do desagravo. Eu já tinha me resignado à obsolescência. Como o disco de vinil, existia apenas como objeto de curiosidade e comiseração: sem telefone celular, sem nada nos bolsos que me informe instantaneamente as cotações na bolsa de Tóquio, a temperatura em Moscou e a raiz quadrada de 117 enquanto toca uma música e me faz uma massagem, sem nenhum outro uso para meu laptop além de escrever estes textos, mandar e receber e-mails e, vá lá,

colar do Google, um homem, enfim, com saudade das pequenas cerimônias humanas do passado, como a de levar um rolinho de filme para ser revelado na loja. E agora surge esse exemplo de regeneração para a nossa espécie, a dos relegados pela técnica. Ainda voltaremos ao convívio dos nossos contemporâneos sem precisar esconder que não temos tuitar.

Os discos de vinil saíram do seu nicho e hoje ocupam espaços respeitáveis, em contraste com os CDs, que perdem espaço. Também podemos sair do pequeno espaço da nossa resistência e proclamar que os anúncios do nosso fim foram prematuros e ainda temos alguma utilidade.

É só nos explicarem algumas coisas. O que quer dizer a tecla "Num Lock" no computador, por exemplo?

## Texto 8

### FOLHA.com

29/12/2010 - 11h54

## O "bico"

Um dos principais problemas que a presidente Dilma Rousseff vai enfrentar a partir de 1º de janeiro é o da segurança. Ou melhor, o da falta de segurança, que está crônico nas capitais e demais áreas urbanas.

Com as Forças Armadas no controle de favelas no Rio de Janeiro, uma operação que vem sendo preparada há anos, a coisa até que deu uma melhorada por lá. Mas essa é uma guerra que está longe de ser vencida e é preciso ir adiante, melhorar os sistemas, sofisticar o adestramento dos efetivos policiais e militares.

Agora mesmo, oficiais do Exército estão abismados com a declaração do governador Sérgio Cabral institucionalizando o "bico" para os policiais do Estado. Como eles têm um sistema de folga de 24 por 72 (trabalham 24 horas e folgam três dias seguidos,) já estão liberados na prática para trabalhar na iniciativa privada e, agora, como anuncia Cabral, também par a as prefeituras.

Em resumo: os policiais têm "folga" para trabalhar. Hoje, muitos dão segurança à paisana para os mesmos criminosos que combatem quando estão fardados, naquelas 24 horas de trabalho. A partir de agora, darão segurança extra para as Prefeituras. É ou não legalizar o "bico"?

Eis o que diz o governador:

"Lá (nos Estados Unidos), você vê o policial fardado, trabalhando para o supermercado, com o carro da polícia na porta. Aqui não. Aqui nós vamos tirá-lo da clandestinidade. Ele vai continuar com o seu distintivo e fardado, mas trabalhando para o poder público. (No passado) O Estado criou uma série de barreiras que levavam a pessoa à ilegalidade. Nós estamos rompendo essas barreiras da melhor maneira possível para servir ao público".

Leia-se: já que não pagamos convenientemente nossos policiais, já que eles estão por aí mesmo fazendo segurança privada até para marginal, já que não há controle nenhum e cada um faz o que quer... então vamos dar ordem à bagunça. Como? Formalizando a bagunça.

Os oficiais acharam um acinte. Para eles, significa que os soldados vão trabalhar para os policiais, enquanto estes tiram três dias seguidos de folga para trabalhar para terceiros. "Assim, não dá", disse um militar de alta patente.

Na opinião de setores do Exército, o ideal é mudar essa escala, até porque ninguém, nem policial, nem bombeiro, nem médico, nem enfermeiro, trabalha seguido 24 horas. Boa parte dessas horas são usadas para um descanso, um sono razoável. Então, acabem-se com as 72 horas consecutivas de folga remunerada que não são folga coisa nenhuma. e pensem-se em outras compensações.

O Exército já subiu o morro do Alemão, por exemplo, e a expectativa é de que a operação, até agora tão bem sucedida, seja ampliada para os demais complexos do Rio. Veja que a polícia já endurece na Rocinha às vésperas do Reveillon e da posse de Dilma em Brasília e a de Cabral para o segundo mandato no Rio. Chamar o Exército para a Rocinha também parece uma questão de tempo.

Mas, com os soldados fazendo papel de polícia e e a polícia de folga, fica complicado.

PS - Ótimo Ano Novo, sem medo de ir às ruas e de ser feliz!



**Eliane Cantanhêde** é colunista da **Folha**, desde 1997, e comenta governos, política interna e externa, defesa, área social e comportamento. Foi colunista do **Jornal do Brasil** e do **Estado de S. Paulo**, além de diretora de redação das sucursais de **O Globo**, **Gazeta Mercantil** e da própria **Folha** em Brasília.

**E-mail:** [elianec@uol.com.br](mailto:elianec@uol.com.br)

[Leia as colunas anteriores](#)

[Leia as colunas publicadas na Folha](#)

Domingo, 26 de setembro de 2010

O GLOBO

OPINIÃO • 7

# A conspiração da imprensa

JOÃO UBALDO RIBEIRO

Acho que já contei aqui que, sempre que se fala em conspiração da imprensa, recalques antigos despertam no meu coração de jornalista. Meu primeiro emprego, aos 17 anos, foi em jornal e, de lá para cá, nunca cheguei a me afastar muito da profissão. E é com sentimentos um pouco ambivalentes que recordo jamais ter sido chamado para conspiração nenhuma, em jornal ou revista alguma. Pior ainda, nunca nem me deram a ousadia de me pôr a par da conspiração com que eu, afinal, mesmo quando era o mais humilde dos focas, estaria colaborando. Finjo que não ligo, mas vez por outra isso me dá um certo baque na autoestima, creio que vocês compreendem.

Em relação a subornos, meu recorde talvez seja até mais humilhante. Uma vez, quando eu era chefe de reportagem de um jornal de Salvador, o promotor de um evento me mandou dois litros de King's Archer ("Arqueiro do Rei"), uísque nacional do qual na época se dizia desfechar uma letal flechada no fígado de quem o encarasse. Além disso, sem que eu desconfiasse de nada, pegaram as garrafas na portaria, beberam tudo e só me contaram meses depois, impondo-se a embaraçosa conclusão de que fui subornado sem saber — ou seja, nem a ser subornado direito eu acertei. E, quando eu era editor-chefe de outro jornal, um prefeito do interior, que estava sendo denunciado por escancarada corrupção, me ofereceu um velocípede para cada uma de minhas filhas. Ao lembrar a maneira com que o repeli, manda a honestidade reconhecer que minha indignação também se deveu ao valor da oferta, o miserável podia pelo menos ter oferecido uma bicicleta.

No meu tempo de metido a comunista, escrevi para jornais controlados pelo Partido e nem nesses me inteiravam das conspirações. No máximo, havia uma palavra de ordem ou outra, que a arraia-miúda repetia em rodas de cerveja e para as quais ninguém parecia ligar muito. Nas eleições presidenciais de 1960, quando votei pela primeira vez, limitaram-se a me dizer que o par-

tido apoiava o marechal Lott e nunca me explicaram por quê. E, quanto ao famoso ouro de Moscou, no qual se ceavam os comunistas, não só nunca vi sinal dele, como acredito que os comunistas meus amigos tampouco — foram eles os que roubaram e beberam os dois litros de King's Archer.

Agora as suspeitas ou certezas de que há conspirações da imprensa em andamento voltam a circular. Creio que, quando se sente em si a encarnação do próprio povo, como parece estar acontecendo com o presidente Lula, deve ser difícil suportar notícias e opiniões discordantes ou mesmo apenas desagradáveis. Para ele, é bem possível que a imprensa seja até ingrata, porque, se ainda está aí, é porque ele quer, como, aliás, tudo está aí porque ele quer. A democracia e a liberdade são fruto de sua tolerância, pois, afinal, está claro que ele vê sua legitimidade como emanada diretamente do povo, sem a intermediação de quaisquer outros mecanismos ou a necessidade de instituições. E, nas horas de maior roubo, talvez a virtude que ele acredite mais praticar seja a da paciência. Ele sabe o que o povo quer, o povo quer o que ele quer, que mais interessa? De fato, deve ser enervante ficar suportando essas contrariedades, quando se podia resolver tudo sem complicações supérfluas e inúteis. Haja paciência mesmo, devemos ser gratos por tanta paciência.

Como estará a conspiração agora? Minha falta de experiência não ajuda, mas fico imaginando salas hollywoodianas no alto de um arranha-céu na Avenida Paulista, em que os conspiradores se juntam para sua atividade golpista. Que estarão arquitetando esses grandes e facinorosos bandidos? Não se sabe, mas certamente moverão uma guerra feroz contra os bancos e os banqueiros. Afinal, nenhum setor ganhou ou ganha tanto neste país quanto eles, tudo está a favor deles. E, segundo se diz, eles demonstram sua gratidão através de contribuições generosíssimas

para a campanha eleitoral em que está empenhado o governo brasileiro. As grandes empresas também andam fatuando alto, o capitalismo está feliz, mais feliz que em seus melhores sonhos. Tal situação certamente incomoda a chamada grande imprensa, esse tradicional bastião anticapitalista. Deve ser por isso que ela deve estar tramando o golpe. E, claro, para que o golpe dê certo, precisam de um nome que tenha aceitação popular, que seja aclamado e não rejeitado. Ou seja, o próprio presidente Lula. Vocês vejam como essas coisas da política são paradoxais. Assim de primeira, ninguém diria, mas conspiração é conspiração, não vamos dar muito palpite no que não entendemos direito.

A imprensa é de fato um problema. Quase ninguém se lembra, mas a profissão de jornalista está entre as mais arriscadas e todo dia algum é vítima de violência. A primeira ação das ditaduras, universalmente, é a supressão da liberdade de opinião e o cerceamento de sua expressão pela via legítima que é a imprensa. Subsiste a realidade de que, desde que o mundo é mundo, a divergência desagradada aos poderosos, a crítica os ofende e qualquer opinião que

não coincide com as suas é uma agressão. Um dos recentes pronunciamentos do presidente Lula sobre a imprensa mostrava uma animosidade truculenta comparável à de seu aliado Fernando Collor. A imprensa é vista como inimiga da nação, praticamente a responsável por tudo o que de errado acontece entre nós. Os mais velhos já viram tudo isso. Os jornalistas mais velhos já viveram tudo isso. E tudo, afinal, passou, assim como também passará o que estamos presenciando agora. As voltas que o mundo dá são tão prodigiosas que o presidente Lula, já ex-presidente, logo tornará a gostar da imprensa. E a precisar dela, como já precisou, pois que, no sábio dizer de nossos maiores, dor de barriga não dá uma vez só.

JOÃO UBALDO RIBEIRO é escritor.

A primeira ação das ditaduras é a supressão da liberdade de opinião

## Anexo II

Compõe-se de alguns outros textos selecionados para demonstração de exemplos da teoria sistêmico-funcional no decorrer da dissertação.



RUY CASTRO

## 3 x “Peixe Vivo”

**RIO DE JANEIRO** - E assim se passaram 50 anos, sem a pompa que se poderia supor. Os jornais, rádios e TVs soltaram seus cadernos, programas e especiais sobre o 50º aniversário de Brasília, mas a sombra que cobriu a cidade nesse período —palco de uma ditadura por 21 anos, viveiro de desqualificados políticos profissionais e cenário de negociatas literalmente incontáveis— ofuscou a celebração.

O próprio Juscelino foi menos louvado do que ele próprio, apaixonado por sua aventura, esperaria ser. Um de seus argumentos para Brasília é que, com a capital no Rio, não tinha sossego para trabalhar —e, de fato, com o Catete cercado pela cidade, era difícil não sentir a presença da oposição. O nome disso é democracia, o que não impediu o democrata Juscelino de levar seu palácio para o meio do nada. Pois esse nada favoreceu o golpe que liquidaria sua carreira política.

Brasília nunca lhe devolveu o que

ele investiu nela em tempo, prestígio e poder. Para um presidente que, com razão, não queria reduzir-se a prefeito do Rio, ele acabou se rebaixando a mestre de obras de Brasília. E um mestre de obras relapso, que não via os caminhões de cimento e areia passando três vezes pela mesma guarita para registrar três entregas.

Ficou o mito do homem risonho e pé de valsa, cuja canção favorita era o “Peixe Vivo”. Mas este é apenas mais um mito. Há relatos de que, pelo ritmo das obras em Brasília, em poucos meses Juscelino já não suportava esta música. Em toda inauguração a que ele ia, a banda, depois de tocar o protocolar Hino Nacional, atacava de “Peixe Vivo” —e ponha aí três ou quatro inaugurações por dia, 300 dias por ano, durante quatro anos.

O presidente dito “bossa nova” ficaria mais feliz se, às vezes, tocassem outra de suas preferidas: a se-resta “Chão de Estrelas”.

FERNANDO DE BARROS E SILVA

## Ciro Gomes: modos de usar

**SÃO PAULO** - É compreensível que os petistas procurem desqualificar as palavras de **Ciro Gomes** invocando a sua incoerência. O político que pretende falar em nome da moralidade, que reveste suas posições com verniz ideológico, não passa de um oportunista. Espalhar essa versão parece ser a melhor maneira de exorcizar a frase: "Serra é mais preparado, mais legítimo e mais capaz do que **Dilma Rousseff**".

Muitos comentários a respeito da entrevista de **Ciro** seguiram essa mesma linha. Seria apenas mais uma do homem-bomba. Seus ataques seriam apenas fogos de artifício. Afinal, **Ciro** não merece crédito. Mas não é incrível que o carimbo na testa tenha surgido justamente quando ele resolveu abrir a boca contra a candidata de **Lula**?

Enquanto o alvo era **Serra** (e é improvável que deixe de ser), **Ciro** parecia cumprir um papel. Era destemido ou, no máximo, uma espécie de "menino maluquinho", a quem se tolerava apesar dos exageros.

Eis que ele —humilhado pelo lulismo a que serviu— pretende dizer

o que de fato pensa sobre a amiga **Dilma**. Pronto. Tornou-se o homem-maionese, um cascateiro, o vulcãozinho que é preciso isolar. Dois pesos, duas medidas.

Ninguém deve tomar a palavra de **Ciro** pelo valor de face, inclusive porque ele é instável. Mas também não se deve agora transformar o que ele diz em moeda podre, sob o risco de deixar escapar o principal: a novidade não está no clichê da "metralhadora giratória", mas no fato de que, contrariado, o aliado de peso lançou contra **Dilma** a principal crítica que lhe faz a oposição.

Que autoridade tem **Ciro**? Pelo menos a de quem conviveu com **Lula** e **Dilma** de perto, anos a fio, inclusive na crise do mensalão.

O impacto das suas palavras sobre a campanha talvez seja pífio, talvez não. Mas elas apanham **Dilma** num momento delicado. Há um mês, **Serra** era visto como um candidato hesitante e o **PSDB** parecia um ninho de cobras. De alguma maneira, as coisas se inverteram nas últimas semanas.

CARLOS HEITOR CONY

## Nunca fica pronto

**RIO DE JANEIRO** - Não será a primeira nem a última vez. Sempre que vou ao exterior me perguntam por que o Brasil nunca fica pronto. Aparentemente, poderia ficar orgulhoso com a indagação, sinal de que estamos em processo, ou em progresso, não estacionamos no tempo e na história, mudamos sempre para tentar o melhor. Só não mudamos de espaço, porque continuamos grudados na América Latina.

Acontece que este "melhor" nunca vem, e cada mudança pretende tornar as coisas melhores, piorando de estalo a vida de todos nós e as nossas relações com os de fora.

Pode ser que esteja enganado, mas não me lembro de ter declarado o Imposto de Renda pelas mesmas regras em dois exercícios fiscais seguidos. Passei a tarefa ao meu contador, pois a coisa ficou tão complicada e tão mutável que não tenho mais paciência, tempo e vontade de cumprir com o meu dever de contribuinte.

Pago a um escritório de contabilidade, como se fosse um nababo, um empresário de múltiplos rendimentos, quando na realidade não passo de um pobre coitado. Até bem pouco tempo, nem tinha onde cair morto, e só resolvi este macabro problema quando me aturaram na Academia Brasileira de Letras, que dispõe de um mausoléu para abrigar meus desolados ossos.

E, além das regras do Imposto de Renda que mudam a cada ano, muda-se o pacto social de tempos em tempos no que diz respeito às condições de trabalho, aposentadoria, seguros de saúde, critérios de educação e ensino, legislação eleitoral. Só não muda nossa mania nacional de mudanças.

Quando Tancredo Neves foi eleito presidente da República, sugeriram-lhe um slogan de governo: "Mudanças já!" Com uma variante: "Muda, Brasil!". Como sabemos, Tancredo não chegou a tomar posse, mas o Brasil continuou mudando, nem sempre para melhor.

ELIANE CANTANHÊDE

## Ou é gol, ou é gol contra

**BRASÍLIA** - Enquanto a campanha de Dilma Rousseff tenta dar ordem à bagunça para não ter de desmentir e explicar, dia sim, outro também, os erros da candidata ou da sua assessoria — de internet, de imprensa ou política —, a semana deve ser ocupada pelas complexas posições externas brasileiras.

O nosso velho amigo Hugo Chávez vem a Brasília, e o nosso novo amigo Mahmoud Ahmadinejad recebe no Irã o chanceler Celso Amorim. A reunião de Lula ontem com a Caricom (Comunidade do Caribe, com 14 países) foi só refresco.

Chávez vem pedir socorro ao Brasil, pois está às voltas com racionamento de energia na Venezuela, quinto produtor mundial de petróleo. E Amorim vai oferecer socorro hoje a Ahmadinejad, depois de conversar em Brasília com o resto do Bric e do Ibas (Rússia, Índia, China e África do Sul) e de passar por Moscou e Istambul tratando do explosivo programa nuclear iraniano.

A intenção do chanceler é evitar uma catástrofe ou, no mínimo, um

vexame diplomático na ida de Lula ao Irã em maio. Deixando de lado por ora a perseguição de minorias e de opositores políticos no país, o que o Brasil tenta é articular um grande lance internacional, com Ahmadinejad dando garantias de que seu programa nuclear é pacífico e os EUA e demais potências acreditando piamente nisso.

O iraniano estaria formalmente “cedendo”, e os americanos, adiando a entrada em vigor de mais uma rodada de sanções ao Irã, dando ao Brasil a bela chance de posar como a potência emergente da paz, da negociação, da conciliação. Pronta, portanto, para assumir uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU e mudar o mundo.

Falta apenas combinar com os (muitos) adversários e fazer esse gol, ou seja, arrancar o acordo. Se não, o resultado final será que Lula quis dar passos maiores que as pernas, não chegou a lugar nenhum e ainda vestiu a camisa de aliado do Irã e da Venezuela. Além de Cuba...

eliane@uol.com.br

## A misteriosa sabedoria oriental

JOÃO UBALDO RIBEIRO

Por não saber bem do que se trata, já que existe uma infinidade de culturas e subculturas muito diferentes entre si, mas que podem ser chamadas de orientais, sempre procuro evitar contatos mais aprofundados com a Misteriosa Sabedoria Oriental, particularmente em certas circunstâncias como, por exemplo, nas conferências que alguém sempre faz, quando se vai a um restaurante japonês. De modo geral, explica-se que a Misteriosa Sabedoria Oriental chegou à conclusão de que peixe cru é mais sadio por isso, por aquilo e por aquilo mais. Na verdade, a sabedoria oriental envolvida nisso não tem nada de misteriosa. Os japoneses inventaram maneiras atraentes de comer peixe, legumes e algas crus porque moravam e moram num arquipélago sem combustível, onde até lenha sempre foi escassa. Ai, claro, o pessoal aprendeu a comer cru e elogiar, é natural e compreensível. (Sei que tem gente que encara essa afirmação como sacrílega; cartas indignadas para o editor, por caridade.)

O setor indiano dessa grande sabedoria — que também é variadíssimo, mas os aficionados esquecem isto — nunca cessou de fornecer farto material, sempre superior ao que temos por aqui. Lembro um amigo maledicente que alega incapacidade para discernir o que há de superior em viver de uma dieta constituída de bosta de vaca guisada e salada de manga verde, sentado numa cadeira de pregos, na companhia de duas cobras bailarinas. Maledicência, claro, para não falar na exploração de estereótipos sem fundamento na realidade. Mas eram mais ou menos esses os ideais de algumas pessoas fascinadas pela versão indiana da Misteriosa Sabedoria Oriental com quem já conversei.

Agora, porém, creio que devo dar a mão à palmatória. A última novidade da Índia está tendo merecido destaque no noticiário. Trata-se, como vocês devem ter visto nos jornais ou na televisão, de um senhor de 83 anos que afirma estar sem comer ou beber nada há mais de 70. Os médicos que o estudam não têm elementos para contestá-lo e com certeza já deve estar havendo reuniões preliminares de pelo menos uns três grupos de inte-

ressados, para montar no Brasil centros destinados a aplicar as descobertas recém-divulgadas. Tenho até uma sugestão para o nome de uma das cadeias de jejum público que deverão surgir. Tiro o nome de "fast food". Como "fast", além de rápido, também quer dizer jejum em inglês, sugiro que a primeira cadeia se chame "Fast Fast" — quero somente um percentual modesto do faturamento. O mercado é amplo e, durante os quatro meses que durar a moda, imagino que teremos botecos transformados em salões de jejum, onde os iniciados poderão não comer nada em ambientes sofisticados e propícios à meditação, assim como não beber nada sentados a mesas em que apenas a conta será material. Engana-se quem duvida, bobeia quem não investe.

Em Itaparica, contudo, a novidade não fez muito sucesso. Na habitual discussão do Bar de Espanha, ela até foi recebida com acentuado ceticismo da parte dos mais velhos. Ainda persistem recordações dos tempos em que havia pequenos circos e alguns deles visitavam Itaparica. É dessa época a controvertida figura de Rama Shanut, o faquir de um circo que passou uma temporada na ilha. (O faquir não era a principal atração do circo. A principal atração era a rumbreira Chiquita Salguero, em cuja homenagem abro estes parênteses, na verdade uma sergipaninha muito simpática chamada Pureza, a cuja lembrança vários velhos corações ilhéus palpitam.) Rama Shanut não deitava em pregos, mas ficava sem comer, numa gaiola com quatro ou cinco jiboiazinhas. Sob a alcunha popular de Charuto, era bastante festejado, mas foi obrigado a retirar-se da ilha com alguma urgência, quando se constatou que, apesar de cobrar quarenta centavos por cabeça a quem queria vê-lo jejuar, ele engordou seis quilos, depois de três meses de inanição.

Além disso, a fome nunca foi bem um problema aqui na ilha, porque sempre se pode dar um jeito de catar

a proteína nos mangues ou nos bancos de areia expostos pela vazante. E há certos refinamentos, inspirados, como os da sabedoria japonesa, pela aspereza das condições vigentes. Assim, muitos dos que anseiam por um lanchinho ou café, mas no momento não dispõem de recursos, recorrem à jacuba (também denominada maria lígia, nunca descobri por quê). Para fazer jacuba, prepara-se um "café" de chicória seca, mistura-se com um pedaço de rapadura para adoçar, acrescenta-se farinha, mexe-se bem e bebe-se rápido, para não dar tempo de a farinha se depositar no fundo da caneca. É a extraordinária criatividade do povo brasileiro, imagino eu.

O pessoal  
aprendeu a comer  
cru e elogiar,  
é natural e  
compreensível

Além disso, tivemos em nossa história exemplos como o do finado Nelsinho do Alto (nome mudado porque os parentes podem não gostar de vê-lo citado), que dedicou a vida, como ele próprio dizia, a comer de tudo um pouco, pelo menos uma vez. Há grandes discussões sobre o que ele

efetivamente comeu em toda a sua trajetória, mas é certo que comeu diversos urubus. Não gostava muito, até porque o tempo de cozimento era muito longo, mas comia, creio que por uma questão de princípio. Não duvido que alguns seguidores seus ainda mantenham discretamente a tradição.

Enfim, nada de realmente novo nessa história toda, talvez apenas a reação de Zecamunista. Ao saber da novidade, ele de início não disse nada, mas depois apareceu com o anúncio de que ia entrar em contato com o indiano, a fim de disseminar sua técnica entre nossos conterrâneos e futuramente tornar a ilha um polo para quem não quiser mais comer, notadamente as mulheres preocupadas com suas silhuetas.

— Mas, Zeca, quer dizer que o pessoal aqui vai passar sem comer nada?

— É, mas sem comer ninguém nunca mais.

JOÃO UBALDO RIBEIRO é escritor.

## O Leviatã pega

JOÃO UBALDO RIBEIRO

Acho que já falei aqui numa coluna minha que diz que tudo é trauma de infância. Inclino-me a concordar com ela e, muitas vezes, nem tenho de escarafunchar muito essa remotíssima fase de minha vida para descobrir a origem de certas inquietações do presente. O Leviatã é um exemplo claro, porque meu medo dele vem desde o tempo em que, no meio da livraria de meu pai, eu topava com as ilustrações de Gustave Doré para a Bíblia e lá estava o tremendo monstro, contra o qual, assegurava o texto, o bronze das espadas era palha, ou seja, não adiantava nada. E devo ter misturado isso com alguma outra ilustração, provavelmente do clássico de Thomas Hobbes intitulado *Leviatã*, com que também topei nessa época, tentei ler para ver se vencia o medo, não entendi nada, desisti e o trauma deve ter persistido, ou piorado.

Hobbes é comumente tido, numa simplificação bastante grosseira e mesmo injusta, como uma espécie de teórico do absolutismo. E foi assim que me falaram dele nas escolas. Para mim o Estado hobbesiano, onde o poder se concentra no que ele chama de "soberano" e o súdito não tem ingerência no governo, passou a ser definitivamente aquele monstro das ilustrações. Depois, com a leitura de *1984* e a chegada de um tempo onde, fotografados, filmados e gravados, estamos cada vez mais submetidos a alguma espécie de controle, ou pelo menos vigilância controladora, o bicho vem me assombrando bastante e devia assombrar vocês também, porque vamos facilitando, vamos facilitando e daí a pouco ele nos engole a todos.

E essa engolição não vai ter nem a colher de chá do Estado hobbesiano. Nele, de fato o soberano detinha todo o poder, mas também tinha o dever básico de dar segurança ao súdito, pois, afinal só ela conteria o lobo do homem e era para isso que o pacto social existia. Aqui no Brasil, o nosso Leviatã já engole mais de um terço do que ganham os pobres e remediados (e nada dos verdadeiramente ricos) e não dá segurança nenhuma. Se esta for enten-

dida como algo além de garantias contra a violência e abranger, por exemplo, a saúde, sabemos que o monstro, além de comer todo o dinheiro que pode, obriga os súditos a contratar planos médicos privados e nem mesmo estes resolvem, pois o bicho permite que façam o que bem entendam, inclusive tungar safadamente os que há décadas pagam por eles os olhos da cara.

O Leviatã de Gustave Doré, se bem revejo na mente as gravuras da infância, tinha tentáculos semelhantes aos de um polvo. É uma boa imagem para o que nos acontece hoje em dia, a toda hora um novo tentáculo se estendendo sobre nós, uma chuva de normas, cartilhas, orientações, admoestações, avisos, cobranças, proibições, restrições, instruções e assemelhados, vinda aparentemente de mil direções, que ninguém conhece direito e a que todo mundo obedece sem questionar. Sabe-se, mais ou menos vagamente, da existência de agências reguladoras hoje muito ativas, tripuladas por sabe-se lá quem, todas empenhadas em emitir regras para a nossa conduta. Ninguém elegeu esse pessoal, ninguém foi nem ouvido nem cheira-

do quanto a sua nomeação (vai ver que alguns, ou todos, foram ouvidos preliminarmente no Congresso, mas isso e nada todo mundo sabe que quer dizer a mesma coisa, até porque muitos dos nomeados para as agências devem ter sido indicados por deputados ou senadores), mas eles fazem o que querem e, mesmo quando quebram a cara, quem paga o prejuízo somos nós.

Cabe recordar pela milésima vez, como uma espécie de dever cívico, aquela regulada que deram nos motoristas, obrigando todos a trafegar com um tal kit de primeiros socorros. Todos os donos de carro compraram o kit, que só tinha um fabricante, o qual, naturalmente, encheu o rabo de dinheiro, assim como, certamente, outros envolvidos na operação. Concluiu-se que o kit não valia nada e era até prejudicial, mas ninguém foi investigado e muito menos

punido, os súditos morreram na grana que os espertalhões faturaram e ficou tudo por isso mesmo. Mais recentemente, veio o tal assento para crianças, que de novo beneficia fabricantes, ou fabricante, e é uma medida de meia pataca, porque não pode ser aplicada a táxis, ônibus e vans, além de causar problemas de vários tipos. Mas todo mundo se esquece disso, compra o raio da cadeirinha e segue obedecendo.

Torcer no futebol já está regulamentado, mas não é descabido prever que cada clube venha a ser obrigado a pagar danos morais ao juiz chamado de ladrão por seus torcedores. Curtir com a cara do perdedor, nem pensar. O técnico que ficar na beira do campo soltando palavrões também será multado e mal posso esperar o dia em que emanarão do banco instruções como "meu anjo, vê se te deslocas mais rapidamente!" E o atacante vai pedir um cruzamento exclamando "alça-me o balão de couro, companheiro!" Quanto a piadas, não só de futebol mas quaisquer outras, atualmente já proibidas em relação aos candidatos, certamente também serão objeto de restrições impostas pela

necessidade de que vivamos numa sociedade absolutamente livre de discriminações ou preconceitos de toda espécie. Não pode piada que, de alguma forma, mostre qualquer categoria social ou humana sob uma luz considerada pejorativa. Ou seja, não pode piada nenhuma, mesmo porque as que se refiram a animais, como as de papagaio, estarão sujeitas ao crivo rigoroso do Ibama, pois nunca se sabe quando uma piada poderá induzir a um crime contra um animal protegido. Talvez se crie — e fica a sugestão, é mais uma porção de cargos para preencher — uma base nacional de piadas, cadastrando todas as permitidas, é só checar antes de contar. Agora que dá para comparar, o monstro de Gustave Doré não era tão feio assim, bons tempos.

talvez se crie uma base nacional de piadas, cadastrando todas as permitidas

JOÃO UBALDO RIBEIRO é escritor.

## VERISSIMO

### A alternativa

**V**ocê eu não sei, mas quanto mais candidatos ridículos pedindo voto, mais eu gosto. O ideal seria que todos os candidatos fossem sérios e capazes, apresentassem suas credenciais e seus programas de maneira convincente ou no mínimo bem articulada, e representassem alguma coisa além da sua própria ambição, ou seu próprio delírio. O ideal seria uma democracia perfeita, em que a escolha fosse entre os melhores. Mas uma democracia perfeita, como é inviável, está apenas a um passo de democracia nenhuma. Os candidatos inacreditáveis que infestam os horários eleitorais com suas promessas malucas, suas caras assustadas e seus truques patéticos são, na verdade, guardiões da democracia possível. Sua existência garante que estamos salvos de qualquer pretensão ciceroniana a governos só de iluminados. Pense nisso na próxima vez que aparecer um candidato

na TV pedindo seu voto porque é um bom filho ou um bom jogador de boliche. A alternativa ao ridículo é muito pior.

#### INTERINTER

Um jogo que nunca houve pode ser um clássico assim mesmo. Um clássico em gestação, um clássico que só falta ser jogado. Assim será se o Internacional de Porto Alegre e a Internazionale de Milão se encontrarem na final do campeonato mundial de clubes, nos Emirados Árabes, no fim deste ano. O Inter x Inter já pertence à história mesmo que ainda não tenha história. Já é um paradigma para o futuro mesmo sem ter acontecido. E se por alguma imprevidência divina o encontro não se der, ele ganhará a eternidade como um grande clássico hipotético. Vencido, na nossa imaginação, é claro, pelo Inter de Porto Alegre.

#### XEXÉO

O Artur Xexéo escreveu um livro sobre as quatro Copas do Mundo que co-

briu para o "Jornal do Brasil" e O GLOBO. "O torcedor acidental" é um livro tipo pega-e-não-larga, escrito com muito humor e com o conhecido poder de observar o insólito do autor. O futebol é secundário no relato. Xexéo conta suas idas e vindas atrás da seleção (muitas das quais fizemos juntos) através de cidades magníficas ou chatíssimas, passando por hotéis que também iam do louvável ao lamentável. No prefácio do livro, Fernando Calazans conta que no hotel em que ficamos em Saitama, no Japão (uma cidade muito feia, que só tinha de interessante um incongruente museu do John Lennon), recebeu um telefonema do Xexéo:

— Calazans — ele disse —, eu ia te chamar pra tomar um uísque comigo, mas no meu quarto não cabem dois copos.

— Nem no meu — respondi.

Pois é. Além de tudo, o livro tem um prefácio do Calazans.

## Jogo roubado

JOÃO UBALDO RIBEIRO

**H**á muitos anos, lá em Itaparica, todos os presentes a uma seleta mesa no bar de Espanha mostraram grande surpresa e mesmo incredulidade, quando, convidado a participar de um joguinho de biriba, Zé de Honorina se recusou e fez uma revelação de impacto.

— Não jogo — disse ele. — Eu só sei jogar roubado. Então não vou jogar, porque, se jogar, eu tomo o dinheiro de vocês todos sem apelação.

— Mas o jogo não vai ser a dinheiro.

— Não muda nada. A dinheiro ou a leite de pato, dá no mesmo, eu só sei jogar roubado, não adianta.

Comentários céticos, indagações perplexas. Afinal, Zé era pessoa unanimemente respeitada na coletividade, comerciante de excelente nome na praça e cidadão exemplar, não era possível que aquilo fosse verdade. Mas era, insistiu ele, reiterando a disposição de nunca mais pegar num baralho. Acrescentou que, em sua vida, não tão longa mas muito movimentada e viajada, já passara por quase tudo, inclusive pela, digamos, vicissitude de ter sobrevivido do carteadado, ofício incerto e infestado de percalços. E, no começo para se defender, mas logo para se esconder dos maus caprichos da sorte, também aprendera todo tipo de trapaça para ganhar. E então se dera o fenômeno que ele considerava inevitável, para qualquer um que experimentasse jogar e ganhar roubando: impossível, daí em diante, jogar sem roubar. Bastava aprender e praticar, ainda que somente um bocadinho.

— Sabe cachorro, quando fica pedindo comida junto da mesa do almoço? — finalizou ele. — Pois é, não se pode dar comida a ele nem uma vezinha, porque, com apenas essa vezinha, ele se vicia para todo o sempre e nunca mais deixa de mendigar junto da mesa. Jogar roubado é igualzinho, é reflexo. O sujeito até parte com a melhor das intenções, pode até rezar um padre-nosso para resistir à tentação, mas, na hora em que bota a mão nas cartas, não tem escapatória, é muito pior que vontade de fumar depois de um cafezinho.

Recordei-me disso ao continuar vendo por todo canto notícias sobre a violação de dados sigilosos na Receita Federal. Em meio a declarações contraditórias, negativas, bravatas, denúncias e outras manifestações próprias de campanha eleitoral, fala-se muito no envolvimento de membros do PT na violação. Não tenho tido muita paciência para acompanhar essas novas irregularidades que, como todas as outras, vão acabar sem culpados e muito menos punidos, de maneira que conheço somente um pouco do que vem sendo noticiado, mas, para o que pretendo lembrar, isto não tem importância.

Por que o PT, com a eleição no papo, iria precisar de golpes baixos? Pergunta retórica, a que eu mesmo respondo: porque, como meu amigo Zé no carteadado, quem aprendeu a jogar sujo não consegue jogar limpo. Mas também faço a ressalva: não é coisa exclusiva de militantes do PT, é coisa nossa. Ou seja, acho que nós, brasileiros, estamos — não só coletiva como individualmente, em graus diversos — adaptados ao jogo roubado, não sendo, pois, de estranhar que militantes mais sôfregos usem as

armas que se acostumaram a ver funcionar a vida toda. Vêm por aí mais empregos públicos ou semipúblicos e o adesismo já se mostra pujante, como também é do nosso hábito.

Não se pode acreditar que os vazamentos na Receita começaram agora. Creio mesmo que os mais calejados em matéria de Brasil já estão convictos, se é que algum dia não estiveram, de que esses vazamentos sempre existiram, tanto assim que alguns dos implicados aparentemente exercem esse tipo de atividade faz bastante tempo e dados do mesmo gênero já são vendidos abertamente há anos ou décadas. Não será de todo paranoico aquele que receie já ter sido formada uma quadrilha para apanhar dados do censo, agora talvez até com mais facilidade do que antes, porque esses dados são informatizados desde o estágio da coleta, o que, com

certeza, cria mais áreas vulneráveis. Quem garante que as informações pessoais que os recenseados deram em confiança já não estão entrando num banco de dados privado, que depois poderá servir a todo tipo de propósito, até mesmo para a ação de quadrilhas de assaltantes de alta tecnologia? Claro, ninguém garante e, apesar de justificados em desconfiar, temos que continuar confiando, do contrário será impossível viver. E, também claro, vamos preferir acreditar que certos limites, como esses relacionados com o censo, nunca serão ultrapassados.

Nós somos o país das certidões e atestados falsos. Muitos já os receberam ou emitiram e todo mundo pelo menos conhece alguém que os utilizou ou utiliza. Não me refiro somente aos

atestados médicos, mas até ao antigo atestado de pobreza, que era usado por ricos para não pagar por serviços que, para os indigentes, eram gratuitos. A todo momento somos informados de esquemas para fraudar concursos públicos, vestibulares e semelhantes. E desses esquemas sabemos somente os que foram descobertos. Temos, assim, o direito,

que certamente preferíamos não ter, de duvidar de todo concursado e de encerrar com um pé atrás qualquer diploma. E até inventamos a firma reconhecida em cartório e logo depois a falsificação do reconhecimento de firma.

Por aí vai, num rosário que talvez muitos de vocês saibam desfiar melhor que eu. Não são somente os petistas, somos nós, os que jogam roubando, PT ou não PT. Cabe, no entanto, observar que o PT está no governo e, se o governo não obedece à lei, quem obedecerá? E não fica bem o presidente falar como se esse "tal de sigilo" fosse uma pessoa. Ele fez isso para mostrar que grande parte dos responsáveis por sua popularidade nem sabe o que é sigilo. É verdade, mas ele devia envergonhar-se disso, não se aproveitar.

JOÃO UBALDO RIBEIRO é escritor.

— Não fica bem o presidente falar como se esse "tal de sigilo" fosse uma pessoa

## VERISSIMO

### Dez razões

**D**ez razões pelas quais o Eike Batista deveria me dar um milhão de dólares.

- 1 — Eu sou um cara legal.
- 2 — Ele não sentiria falta.
- 3 — Não aguento mais esses fraudulentos substitutos de caviar no mercado. Chegaram ao cúmulo de pintar sagu de preto e vender em potes como se viesse de esturjões do lado errado do Mar Cáspio, o que explicaria o preço baixo. Você só descobre o engodo quando vê que, no rótulo, "Cáspio" está com acento circunflexo. A doação do Eike me livraria desses métodos inescrupulosos e me permitiria, finalmente, ser fiel ao lema "Caviar: ou Beluga ou nada" que me acompanha desde a infância.
- 4 — Eu pararia de trabalhar, o que causaria enorme regozijo público, e me dedicaria à leitura de todos os livros que fui

guardando para ler depois, começando por "O elefantinho Dudu" e chegando, se desse tempo, à "Crítica da razão pura".

- 5 — Nós estaríamos colaborando, mesmo que modestamente, para a redistribuição de renda no país.
- 6 — Eu teria mais, digamos assim, estofamento moral para convidar a Luana Piovani para um cruzeiro no Caribe num daqueles navios que têm até metrô para o transporte interno, as piscinas têm cascatas e o show principal é do Cirque du Soleil com participação especial do Frank Sinatra, trazido de volta, com grande custo, para mais uma despedida. Nossos camarotes seriam separados, mas sempre haveria a esperança de que, em caso de furacão, ela batesse freneticamente na minha porta.
- 7 — Eu abandonaria, definitivamente, todos os meus outros planos para en-

riquecer depressa, como o de me transformar em médium de animais domésticos. A ideia era oferecer meus serviços a quem quisesse entrar em contato com cachorros ou gatos falecidos e transmitir suas mensagens do Além, cuidando apenas para latir e miar de forma convincente.

8 — Eu estaria sempre à disposição do Eike para escrever uma biografia elogiosa, melhorando passagens da sua vida e, inclusive, lhe dando outro primeiro nome.

9 — Nós poderíamos estar inaugurando uma prática regular, a de o Eike dar um milhão dos seus dólares todos os meses. Pra mim.

10 — Eu... Mas o que estou dizendo? É claro que isso nunca vai acontecer. E, mesmo (consolo), um milhão de dólares não é mais o que era. Não quero.